

Albert Camus

O ESTRANGEIRO

*tradução de*  
António Quadros

*prefácio de*  
António Mega Ferreira

LIVROS DO BRASIL

## I

Hoje, a mãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: «Sua mãe falecida. Enterro amanhã. Sentidos pêsames.» Isto não quer dizer nada. Talvez tenha sido ontem.

O asilo de velhos fica em Marengo, a oitenta quilómetros de Argel. Tomo o autocarro das duas horas e chego lá à tarde. Assim, posso passar a noite a velar e estou de volta amanhã à noite. Pedi dois dias de folga ao meu patrão e, com uma razão destas, ele não me podia recusar. Mas não estava com um ar muito satisfeito. Cheguei mesmo a dizer-lhe: «A culpa não é minha.» Não respondeu. Pensei então que não devia ter dito estas palavras. A verdade é que eu não tinha de me desculpar. Ele é que tinha de me dar pêsames. Mas com certeza o fará, depois de amanhã, quando me vir de luto. Por agora, é um pouco como se a mãe não tivesse morrido. Depois do enterro, pelo contrário, será um caso arrumado e tudo passará a revestir-se de um ar mais oficial.

Tomei o autocarro às duas horas. Estava muito calor. Como de costume, almocei no restaurante do Céleste. Estavam todos com muita pena de mim e o Céleste disse-me: «Mãe há só uma.» Quando saí, acompanharam-me à porta. Estava um bocado atordoado e tive de ir a casa do Emmanuel, para lhe pedir emprestados um fumo e uma gravata preta. O Emmanuel perdeu o tio há meia dúzia de meses.

Tive de correr para não perder o autocarro. Esta pressa, esta correria e, talvez, também os solavancos, o cheiro da gasolina, a luminosidade da estrada e do céu, tudo isto contribuiu para que eu adormecesse no caminho. Dormi quase todo o tempo. E, quando acordei, estava apertado de encontro a um soldado, que me sorriu e me perguntou se eu vinha de longe. Disse que sim, para não ter de voltar a falar.

O asilo distava dois quilómetros da aldeia. Fui a pé. Quis ver imediatamente a mãe. Mas o porteiro disse-me que eu precisava, antes disso, de falar com o diretor. Como ele estava ocupado, esperei ainda um pouco. Durante este tempo, o porteiro não parou de falar. Depois, o diretor recebeu-me no seu gabinete. Era um velhote que tinha a Legião de Honra. Fitou-me com uns olhos muito claros. A seguir apertou-me a mão durante tanto tempo que já não sabia como havia de a tirar. Consultou um processo e disse-me: «A senhora sua mãe entrou para aqui há três anos. O senhor era o seu único amparo.» Julguei que me estava a fazer alguma censura e comecei a explicar-lhe. Mas ele interrompeu-me: «Não tem de se justificar, meu filho. Estive a ler o processo da sua mãe. O senhor não podia suportar as despesas. Ela precisava de uma enfermeira. O seu ordenado é modesto. E, no fim de contas, aqui ela era mais feliz.» Disse: «Sim, senhor diretor.» Acrescentou: «Sabe o senhor, aqui ela tinha amigos, pessoas da mesma idade. Partilhava com eles motivos de interesse que são de um outro tempo. O senhor é novo e ao pé de si ela aborrecia-se, com certeza.»

Era verdade. Quando estava lá em casa, a mãe passava o tempo a seguir-me em silêncio, com os olhos. Nos primeiros dias de asilo, chorava muitas vezes. Mas era por causa do hábito. Ao fim de alguns meses choraria se a tirassem do asilo, ainda devido ao hábito. Foi um pouco por isto que, no último ano, quase não a fui visitar. E também porque a visita me tomava o domingo — sem contar o esforço para ir até ao autocarro, comprar os bilhetes e fazer duas horas de viagem.

O diretor disse-me ainda mais coisas. Mas eu já quase não o ouvia. Em seguida, perguntou-me: «Julgo que quererá ir ver a sua mãe? ...» Levantei-me sem responder e acompanhei-o até à porta. Nas escadas, explicou-me: «Levámo-la para a nossa morgue particular. Para não impressionar os outros. Cada vez que algum morre, os restantes ficam nervosos durante dois ou três dias, o que torna o serviço difícil.» Atravessámos um pátio onde havia muitos velhos, conversando em grupos, uns com os outros. Ao passarmos, calavam-se. E, atrás de nós, as conversas recomeçavam. Dir-se-ia um papaguear atordoado de periquitos. À porta de

uma pequena construção, o diretor despediu-se: «Deixo-o agora, senhor Meursault. Estou às suas ordens, no escritório. Em princípio, o enterro está marcado para as dez horas da manhã. Pensámos que o senhor podia assim passar a noite a velar. Uma última coisa: parece que a sua mãe exprimiu várias vezes, aos amigos, o desejo de ter um enterro religioso. Tomei à minha conta este encargo. Mas queria pô-lo a par.» Agradei-lhe. Embora sem ser atea, enquanto viva a mãe nunca pensara na religião.

Entrei. Era uma sala muito clara, caiada e coberta por uma vidraça. Mobilavam-na algumas cadeiras e cavaletes em forma de X. Dois deles, ao meio da sala, suportavam um caixão coberto. Viam-se apenas parafusos brilhantes, mal enterrados, destacando-se da madeira desbotada de casca de noz. Perto do caixão estava uma enfermeira árabe, de bata branca, com um lenço colorido na cabeça.

Neste momento, o porteiro entrou por trás de mim. Devia ter corrido. Gaguejou: «Fecharam-no, mas eu vou desaparafusá-lo, para que o senhor a possa ver.» Aproximava-se do caixão, quando eu o detive. Disse-me: «Não quer?» Respondi: «Não.» Calou-se, e eu estava embaraçado, porque sentia que não devia ter dito isto. Ao fim de uns momentos, ele olhou-me e perguntou «Porquê?», mas sem um ar de censura, como se pedisse uma informação. Eu disse: «Não sei.» Então, retorcendo os bigodes brancos, declarou, sem olhar para mim: «Compreendo.» O homem tinha uns bonitos olhos azul-claros e uma pele um pouco avermelhada. Deu-me uma cadeira e sentou-se também, um pouco atrás de mim. A enfermeira levantou-se e dirigiu-se para a porta. Neste momento, o porteiro disse-me: «O que ela tem é um cancro.» Não percebi o que ele dizia, até reparar que a enfermeira trazia por baixo dos olhos uma ligadura que dava a volta à cabeça. No sítio do nariz, não se via qualquer saliência. Apenas a brancura do penso sobre a cara.

Depois de ela sair, o porteiro falou: «Vou deixá-lo sozinho.» Não sei bem que gesto fiz, mas deixou-se ficar de pé, atrás de mim. Esta presença nas minhas costas incomodava-me. A sala estava cheia de uma bonita luz de fim de tarde. Dois besouros zumbiam, de encontro à vidraça. E eu sentia-me invadido pelo sono. Disse ao porteiro, sem me voltar para

ele: «Está cá há muito tempo?» Ele respondeu imediatamente: «Cinco anos», como se estivesse desde sempre à espera da minha pergunta.

Em seguida, pôs-se a falar sem parar. Muito se teria espantado se alguém lhe houvesse dito, no seu tempo, que acabaria como porteiro de um asilo em Marengo. Tinha sessenta e quatro anos e era parisiense. Neste momento interrompi-o: «Ah, o senhor não é daqui?» Depois lembrei-me de que, antes de me levar ao diretor, estivera a falar da minha mãe. Dissera-me que era preciso enterrá-la depressa, porque na planície fazia muito calor, sobretudo nesta terra. Fora então que me confiara ser de Paris e que dificilmente o esquecia. Em Paris fica-se com o morto às vezes três ou quatro dias. Aqui não há tempo, mal nos habituámos à ideia e temos logo de correr atrás do carro funerário. A mulher dele dissera-lhe então: «Cala-te, não são coisas que se digam ao senhor.» O velho corara e desculpava-se. Eu interviera para dizer: «Não, não...» Achava o que ele estava a contar verdadeiro e interessante.

Na pequena morgue, confiou-me que entrara no asilo como indigente. Como se sentia ainda válido, oferecera-se para o lugar de porteiro. Observei que, no fim de contas, era também um pensionista. Disse-me que não. Tinha já reparado na forma como se referia a «eles», aos «outros», e mais raramente aos «velhos», falando de pensionistas, alguns dos quais não eram mais velhos do que ele. Mas não era a mesma coisa, evidentemente. Como era porteiro, tinha direitos sobre os outros, em certa medida.

A enfermeira entrou nesta altura. A tarde caíra muito depressa. Muito depressa, a noite escurecera, por trás da vidraça. O porteiro manejou o interruptor e eu fiquei por momentos cego, pelo aparecimento súbito da luz. Convidou-me para ir jantar ao refeitório. Mas eu não tinha fome. Ofereceu-se, então, para me trazer uma chávena de café com leite. Como gosto muito de café com leite, aceitei, e ele voltou alguns instantes depois com uma bandeja. Bebi. Tive então vontade de fumar. Mas hesitei, porque não sabia se o podia fazer diante da mãe. Pensei, e concluí que isso não tinha importância alguma. Ofereci um cigarro ao porteiro e fumámos os dois.

A certa altura, disse-me: «Não sei se sabe, mas os amigos da senhora sua mãe vêm também velar. É o costume. Tenho de ir buscar cadeiras e café.» Perguntei-lhe se não se poderia apagar uma das lâmpadas. O reflexo da luz nas paredes brancas cansava-me. Respondeu-me que não era possível. A instalação fora assim montada: ou tudo ou nada. A partir daí, não lhe prestei muita atenção. Saiu, voltou, arrumou as cadeiras nos seus lugares. Numa delas, empilhou as chávenas em volta de uma cafeteira. Depois sentou-se em frente de mim, do outro lado da mãe. A enfermeira estava ao fundo, de costas voltadas. Não via o que ela estava a fazer. Mas, pelo movimento dos braços, parecia-me que fazia malha. A temperatura era agradável, o café confortara-me e, pela porta aberta, entrava um cheiro de noite e de flores. Creio que adormeci por alguns instantes.

Acordei, porque alguém roçou por mim. Por ter fechado os olhos, a sala pareceu-me ainda mais branca. Na minha frente não havia uma única sombra, e cada objeto, cada ângulo, todas as curvas se desenhavam com uma pureza que me fazia mal aos olhos. Foi neste momento que entraram os amigos da minha mãe. Ao todo, eram uns dez, e passavam em silêncio, nesta luz tão crua. Sentaram-se sem que uma só cadeira rangesse. Eu via-os como nunca vira ninguém até então, e nem um pormenor das suas caras ou dos seus fatos me escapava. Não os ouvia, no entanto, e custava-me a acreditar que fossem reais. Quase todas as mulheres usavam um avental e o cordão que as apertava na cintura mais lhes realçava a barriga inchada. Nunca havia notado que as barrigas das mulheres velhas eram tão grandes. Os homens eram quase todos muito magros e traziam bengalas. O que me impressionava nas suas fisionomias era que eu não lhes via os olhos, mas unicamente uma luz sem brilho, no meio de um ninho de rugas. Quando se sentaram, a maioria deles olhou-me e abanou a cabeça embaraçadamente, os beiços comidos pelas bocas desdentadas, sem que tivesse percebido, ao certo, se me estavam a cumprimentar ou se era apenas um tique. Julgo que me cumprimentavam. Foi nesse momento que reparei que estavam todos em frente de mim, balançando as cabeças, em volta do porteiro. Por instantes, tive a impressão ridícula de que estavam ali para me julgar.

Pouco depois, uma das mulheres começou a chorar. Estava na segunda fila, escondida pelas outras, e eu não a via muito bem. Chorava dando pequenos gritos, regularmente: parecia-me que nunca mais pararia de chorar. Dava a ideia de que os outros não ouviam. Estavam encolhidos, tristes e silenciosos. Olhavam o caixão, a bengala ou qualquer coisa, e não tiravam os olhos desse único objeto. A mulher continuava a chorar. Eu estava muito admirado, porque não a conhecia. Gostaria de não a ouvir mais. Não o ousava dizer, porém. O porteiro debruçou-se sobre ela, falou-lhe, mas ela sacudiu a cabeça, disse qualquer coisa e continuou a chorar com a mesma regularidade. O porteiro veio então para o meu lado. Sentou-se ao pé de mim. Ao fim de um longo momento, informou-me, sem me olhar: «Estava muito próxima da senhora sua mãe. Diz que era a única amiga que tinha aqui e que fica sem ninguém agora.»

Ficámos assim durante longos instantes. Os suspiros e soluços da mulher iam-se fazendo mais raros. Fungou muito. Por fim, calou-se. Eu já não tinha sono, mas estava cansado e doíam-me os rins. Era o silêncio de todas aquelas pessoas que me era penoso, agora. De tempos a tempos, ouvia apenas um ruído estranho e não conseguia compreender de que se tratava. Acabei por adivinhar que alguns dos velhos chupavam o interior das bochechas, deixando escapar esses barulhos esquisitos. Estavam tão absortos nos seus pensamentos que nem davam por isso. Tinha mesmo a impressão de que esta morta, ali deitada, nada significava para eles. Mas, hoje, creio que se tratava de uma impressão falsa.

Tomámos todos café, servido pelo porteiro. Em seguida, não sei mais nada. A noite passou. Lembro-me de que, a certa altura, abri os olhos e reparei que os velhos dormiam dobrados sobre si mesmos, com exceção de um único que, de queixo encostado às costas das mãos, e com estas agaradas à bengala, me olhava fixamente, como se estivesse à espera de me ver acordar. Depois, voltei a adormecer. Acordei porque os rins me doíam cada vez mais. O dia surgia pouco a pouco através da vidraça. Logo a seguir, um dos velhos acordou e tossiu muito. Cuspia num grande lenço de quadrados, e cada um dos escarros era como que um arranque. Acordou os outros e o porteiro disse-lhes que se deviam ir embora. Levantaram-se.

Esta vigília incômoda tinha-lhes dado às caras uma cor de cinza. À saída, e com grande espanto meu, vieram todos apertar-me a mão — como se esta noite, em que não havíamos trocado uma só palavra, tivesse aumentado a nossa intimidade.

Estava cansado. O porteiro levou-me ao quarto dele e pude lavar-me e pentear-me. Voltei a tomar café com leite, que era ótimo. Quando saí, o dia estava completamente levantado. Por cima das colinas que separam Marengo do mar, o céu estava cheio de tonalidades de vermelho. E o vento, que passava por cima delas, trazia um cheiro de sal. Era um bonito dia que se estava a preparar. Há muito tempo que não vinha ao campo e teria tido imenso prazer em passear, se não fosse a mãe.

Mas pus-me à espera no pátio, debaixo de uma árvore. Respirava o odor da terra fresca e já não tinha sono. Pensei nos colegas do escritório. A esta hora, levantavam-se para irem para o trabalho: para mim, era sempre a hora mais difícil. Pensei um pouco mais nestas coisas, mas um sino que tocava no interior dos edifícios distraiu-me. Houve uma confusão de movimentos por detrás das janelas, e depois tudo se acalmou. O Sol estava um pouco mais alto: principiava a aquecer-me os pés. O porteiro atravessou o pátio e veio dizer que o diretor estava à minha espera. Fui ao escritório deste. Mandou-me assinar vários documentos. Reparei que estava vestido de preto, com calças de riscas. Pegou no telefone e dirigiu-me a palavra: «Os empregados da agência funerária já chegaram. Vou dizer-lhes para fecharem o caixão. Quer ver a sua mãe pela última vez?» Disse que não. Baixando a voz, deu uma ordem pelo telefone: «Figeac, diga aos homens que podem ir.»

Disse-me, em seguida, que assistiria ao enterro. Agradei-lhe. Sentou-se por trás da secretária e cruzou as pernas. Informou-me de que estaríamos sós, eu e ele, apenas com a presença da enfermeira de serviço. Em princípio, os pensionistas não deviam assistir aos enterros. Deixava-os apenas velar: «É uma questão de humanidade», observou. Mas, excepcionalmente, dera autorização para seguir o préstito a um velho amigo da minha mãe: «Thomas Pérez.» Aqui, o diretor sorriu. Disse-me: «Não sei se compreende, é um sentimento um pouco infantil. Mas ele e a sua



mãe andavam sempre juntos. No asilo, metiam-se com eles e diziam ao Pérez: “É a sua noiva.” Ele ria. Isto agradava-lhes. E o caso é que a morte da sua mãe afetou-o muito. Achei melhor não lhe recusar a autorização. Mas, a conselho do médico, proibi-lhe a velada de ontem.»

Ficámos calados durante bastante tempo. O diretor levantou-se e olhou pela janela do escritório. A certa altura, observou: «Já chegou o padre de Marengo. Vem adiantado.» Preveniui-me de que são precisos pelo menos três quartos de hora para chegar à igreja, que fica mesmo na aldeia. Desce-mos. Diante do edifício, estavam o padre e dois acólitos. Um deles segurava um turíbulo de incenso e o padre baixava-se para regular o comprimento da cadeia de prata. Quando chegámos, o padre levantou-se. Tratou-me por «meu filho» e disse-me algumas palavras. Entrou, e eu segui-o.

Vi de relance que os parafusos do caixão estavam apertados e que havia na sala quatro homens vestidos de preto. Ao mesmo tempo, o diretor disse-me que o carro estava à espera na estrada e ouvi o padre principiar as suas orações. A partir deste momento tudo se passou muito depressa. Os homens avançaram para o caixão, com um lençol. O padre, os seus acólitos, o diretor e eu saímos. Diante da porta estava uma senhora que eu não conhecia: «O senhor Meursault», disse o diretor. Não ouvi o nome dessa senhora e apenas compreendi que era enfermeira delegada. Sem um sorriso, ela inclinou o rosto ossudo e comprido. Depois recuámos, para deixarmos passar o corpo. Seguimos os homens e saímos do asilo. Diante da porta estava o carro, comprido e reluzente. Ao lado dele estava o mestre de cerimónias, homenzinho vestido com um traje ridículo, e um velho com um ar embaraçado. Percebi que era o Sr. Pérez. Tinha um chapéu mole, de copa arredondada e abas largas (tirou-o da cabeça quando o caixão atravessou a porta), um fato cujas calças caíam sobre os sapatos, e uma gravata preta pequena de mais para a sua camisa com um grande colarinho branco. Os beiços tremiam-lhe, por baixo de um nariz semeado de pontos negros. Os cabelos brancos, bastante finos, deixavam-lhe passar umas curiosas orelhas balouçantes e mal acabadas, cuja cor de um vermelho sanguíneo, nesta cara tão pálida, me impressionou. O mestre de cerimónias indicou-nos os nossos lugares. O padre ia

à frente do carro. Em volta deste, os quatro homens. Atrás, o diretor e eu; fechando o cortejo, a enfermeira delegada e o Sr. Pérez.

O céu estava já cheio de sol. Começava a pesar sobre a terra e o calor aumentava rapidamente. Não sei por que motivo esperámos tanto tempo, antes de principiarmos a andar. Tinha calor, com o meu fato escuro. O velhinho, que tornara a cobrir a cabeça, tirou outra vez o chapéu. Voltara-me um pouco para o lado dele e olhava-o, quando o diretor o trouxe à conversa. Disse-me que, muitas vezes, a minha mãe e o Sr. Pérez iam passear à noite até à aldeia, acompanhados por uma enfermeira. Eu olhava os campos em meu redor. Através das linhas de ciprestes que levavam às colinas perto do céu, desta terra ruiva e verde, destas casas raras e bem desenhadas, eu compreendia a minha mãe. A noite, neste sítio, devia ser como que um melancólico período de tréguas. Hoje, o sol excessivo que fazia estremecer a paisagem tornava-a deprimente e inumana.

Iniciámos o caminho. Reparei então que o Sr. Pérez coxeava ligeiramente. Pouco a pouco, o carro ia mais depressa e o velho perdia terreno. Um dos homens que rodeavam o carro também se deixou ultrapassar e seguia agora ao meu nível. Eu estava admirado pela rapidez com que o Sol subia no horizonte. Dei por que o ar era há muito cruzado pelo canto dos insetos e pelos estalidos das ervas. O suor caía-me cara abaixo. Como não trazia chapéu, limpava-me com um lenço. O empregado da agência disse-me então qualquer coisa, que não ouvi. Enquanto, com a mão esquerda, ele limpava a testa com um lenço, com a mão direita levantava a pala do boné. Disse-lhe: «O quê?» Ele repetiu, apontando para o céu: «Está forte.» Eu disse: «Sim.» Pouco depois, perguntou-me: «É a sua mãe quem ali vai?» Voltei a dizer: «Sim.» «Era muito velha?» Respondi: «Assim, assim», porque não sabia, ao certo, quantos anos tinha. O homem calou-se. Voltei-me e vi o velho Pérez uns cinquenta metros atrás de nós. Com o chapéu na mão, apressava-se o mais que podia. Olhei também para o diretor. Andava com muita dignidade, sem gestos inúteis. Algumas gotas de suor escorriam-lhe pela testa, mas não as enxugava.

Parecia-me que o cortejo ia um pouco mais depressa. Em volta de mim, era sempre a mesma paisagem luminosa, inundada de sol. O brilho

do céu era insustentável. Em dado momento, passámos por um troço de estrada que havia sido arranjado há pouco. O sol derretia o alcatrão. Os pés enterravam-se, deixando aberta a carne luzidia do alcatrão. Por cima do carro, o chapéu do cocheiro, de couro escuro, parecia ter sido moldado na mesma lama negra. Sentia-me um pouco perdido entre o céu azul e branco e a monotonia destas cores, negro pegajoso do alcatrão aberto, negro baço dos fatos, negro lacado do carro. Tudo isto, o Sol, o cheiro de borracha e de óleo do automóvel, o do verniz e o do incenso, o cansaço de uma noite de insónia, me perturbava o olhar e as ideias. Voltei-me uma vez mais: o velho Pérez apareceu-me muito ao longe, perdido numa nuvem de calor, e depois não o tornei a ver. Procurei-o com o olhar e vi que abandonara a estrada e metera pelos campos dentro. Reparei que, na minha frente, a estrada virava para um lado. Compreendi que o Pérez, conhecendo a terra, cortava a direito para nos apanhar. Na curva, conseguira juntar-se connosco. Em seguida, voltámos a perdê-lo. Tomou ainda vários atalhos através dos campos. Quanto a mim, sentia o sangue latejar-me nas fontes.

Depois tudo se passou com tanta rapidez, tanta certeza, tanta naturalidade, que já de nada me lembro. Uma coisa, apenas: à entrada da aldeia, a enfermeira delegada falou-me. Possuía uma voz singular, que não acertava com a cara, uma voz trémula e melodiosa. Disse-me: «Se vamos muito devagar, arriscamo-nos a uma insolação. Mas se vamos muito depressa, transpiramos, e na igreja apanhamos calor e frio.» Tinha razão. Era um beco sem saída. Conservei ainda algumas imagens deste dia: por exemplo, a cara do Pérez quando, pela última vez, se juntou connosco, próximo da aldeia. Grossas lágrimas de enervamento e de tristeza corriam-lhe pela cara. Mas, por causa das rugas, não caíam. Dividiam-se, juntavam-se e formavam uma máscara de água nessa cara arruinada. Houve ainda a igreja e os aldeões nos passeios, os gerânios vermelhos nos jazigos do cemitério, o desmaio do Pérez (dir-se-ia um boneco partido), a terra cor de sangue que atiravam para cima do caixão da mãe, a carne branca das raízes que se lhe juntavam, ainda mais gente, vozes, a aldeia, a espera diante de um café, o incessante roncar do motor, e a minha alegria quando o autocarro entrou no ninho de luzes de Argel, e eu pensei que me ia deitar e dormir durante doze horas.